

A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO CIENTÍFICO-ACADÊMICO POR MEIO DO POSICIONAMENTO DIALÓGICO E DA GRADABILIDADE DOS VALORES DE ENGAJAMENTO: UMA ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL À LUZ DA TEORIA DA AVALIATIVIDADE

Alex Luis dos SANTOS (UFSJ/CAPES-DS)
Universidade Federal de São João del-Rei
E-mail: alxlouis@hotmail.com
Cláudio Márcio do CARMO (DELAC/UFSJ)
Universidade Federal de São João del-Rei
E-mail: claudius@ufsj.edu.br

Resumo: O presente artigo faz parte de uma tradição recente de pesquisas que investigam a avaliação como recurso interpessoal no discurso em contextos dos mais variados. Compõe basicamente uma análise sobre a avaliação e a construção identitária do resenhista em resenhas acadêmicas da área de Linguística a partir das categorias de *engajamento* e *gradação*. Nesse sentido, o que se sobreleva e investiga são os recursos linguísticos pelos quais o resenhista adota uma postura no sentido de valorizar ou não posições que estão sendo referenciadas no texto e de escalonar, conforme seus propósitos, a intensidade e/ou precisão de seus pareceres. O que se observa é como a avaliatividade nesse gênero pode ser resultado de uma relação cinética de uma estrutura ainda maior em que estão contextualizadas as diversas ciências sociais em geral.

Palavras-chave: Avaliação; Resenhista; Engajamento, Gradação.

Introdução

A abordagem sobre as formas pelas quais a linguagem é utilizada para avaliar apresenta-se como um aparelho significante do ponto de vista da instrumentalidade para se investigar a sinergia que ocorre entre o sistema linguístico e o meio social. Destarte, o presente trabalho analisa a avaliatividade e a construção identitária do resenhista em resenhas acadêmicas da área de Linguística através das categorias de *engajamento* e *gradação*. Trata-se designadamente, para efeito de esclarecimento, de uma abordagem crítica sobre os recursos linguísticos pelos quais a voz textual varia os termos de seu empenho com vozes e posições alternativas e de escalonar, conforme seus propósitos, a intensidade e/ou precisão de seus juízos sobre essas mesmas posições.

O que se tem verificado, segundo Meurer, e que pontua a importância do trabalho, é a necessidade de novos estudos sobre diferentes gêneros textuais, de modo inclusivo a resenha acadêmica, que desenvolvam, ou contribuam para isso, instrumentais teóricos e práticos a fim de se compreender que, através de textos orais ou escritos, são criadas, de fato, representações que reverberam, constroem e/ou desafiam conhecimentos e crenças, e cooperam, de igual modo, para o estabelecimento de relações sociais e identitárias (MEURER, 2002, p. 28).

É, então, implexo com o preenchimento dessa lacuna teórica que este trabalho utiliza a perspectiva desenvolvida e adotada por Martin e White (2005). Essa perspectiva está ancorada nas bases epistemológicas da Linguística Sistêmico-Funcional; constitui-se precisamente uma

ampliação pormenorizada da Metafunção Interpessoal desenvolvida por Michael Halliday (cf. HALLIDAY, 1985), e contempla a avaliação como o modo pelo qual o sujeito se posiciona censoramente num texto.

Tendo a ideia fundamental de que a língua constrói o contexto social e é por ele construída, a Linguística Sistêmico-Funcional constitui um referencial complacente e importante para a análise de texto pretendida. Ela é empregada pela Análise Crítica do Discurso como ferramenta analítica, por ser centrada na análise da linguagem do ponto de vista de como se dá a construção de significados na interação.

Pretende-se, logo, ao partir de elementos estruturais da linguagem – especificamente os elementos linguístico-discursivos capazes de imprimir *engajamento* e *gradação* (e as subdivisões que serão citadas/explicadas no tópico 1 abaixo) – perceber quais práticas discursivas estão sendo trazidas à tona e como elas contribuem para (re)descrição do gênero resenha acadêmica e para a constituição da identidade do resenhista.

Cumprе salientar que este trabalho se constitui como uma continuidade do anterior, intitulado *Valoração e a construção da identidade do resenhista: um estudo de caso em resenhas acadêmicas da área de Linguística*. O trabalho anterior foi desenvolvido a partir do posicionamento atitudinal, ou seja, dos significados construídos pelas relações de afeto, julgamento e apreciação, no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFSJ), com financiamento da CAPES e que está no prelo na revista *Via Litterae* (UFG).

Para a análise agora pretendida são utilizadas dez resenhas atuais, retiradas de duas revistas do meio acadêmico, a saber, a *Revista Delta* da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e a *Revista Todas as Letras* da Universidade Presbiteriana Mackenzie. A escolha destes periódicos se deu por serem classificadas como Qualis (CAPES), estrato A respectivamente na área de Linguística - estrato que compreendem periódicos tecnicamente mais bem qualificados. Já a eleição de volumes mais atuais deve-se ao reconhecimento da possibilidade de ocorrerem paulatinas transformações no gênero em questão.

Assim sendo, este trabalho está arquitetado de maneira tal que possibilite, de forma arguta, a dialogia entre os campos teóricos já citados dentro de uma seção de análise dos dados que antecede as considerações mais concludentes e naturalmente mais sintéticas.

1. Acoplando estudos e reconstituindo-os como recursos para investigação

Os estudos sobre a avaliatividade evidenciam a linguagem em torno de uma rede sistêmica que se organiza e se interrelaciona não só em volta de um sistema linguístico, mas também em torno de um sistema de dados do contexto social (ALMEIDA, 2010, p. 9).

A tradição funcionalista, desde a Escola Linguística de Praga, mostra-se convicta da insuficiência de uma descrição estrutural da sentença em determinar o significado da expressão linguística; acredita antes que este significado “precisa incluir referência ao falante, ao ouvinte e a seus papéis e estatutos dentro da situação de interação determinada socioculturalmente” (NEVES, 2004, p.21-23 *passim*). Esse pensamento configura um elemento importante para as considerações acerca dos fatos da língua: o extralinguístico.

Dentro dessa perspectiva funcional que se acopla numa descrição sistêmica, Michael A. K. Halliday apresenta sua visão da gramática funcional no livro *An Introduction to Functional Grammar*. A abordagem que Halliday faz se baseia na concepção de língua enquanto fenômeno primordialmente social. Essa abordagem leva em consideração o *contexto de situação* encapsulado no texto para que a relação meio social e linguagem não seja vista de modo isolado (HALLIDAY, 1985, p. 11).

Martin e White explicam que, ao se caracterizar o sistema em relação ao *contexto de situação*, tem-se a correspondência deste a *metafunções* específicas. (MARTIN; WHITE, 2005 p. 27). Segundo Christie, “a noção de metafunções foi mencionada no pensamento de Halliday ainda na década de 60, embora tivesse sido aprimorada no final da mesma” (CHRISTIE, 2004, p. 21).

Assim, Halliday explica que as *metafunções* estão interligadas na construção do discurso, logo, toda sentença num texto é multifuncional (HALLIDAY, 1985, p. 23). Ele explica esse conhecimento propondo que a *metafunção ideacional* é representada através das experiências de mundo, a *interpessoal* se constitui através da negociação das relações sociais entre os participantes da interação, e a *metafunção textual* estabelece a organização interna do texto com base na hierarquia da informação. (*idem*, p. 15-23, *passim*).

No caso desta pesquisa, ater-se-á ao item deste arcabouço destinado à análise da maneira que os *personas discursivos*, termo da valoração que se refere aos participantes do discurso, expressam e negociam seus pareceres em relação à realidade, portanto à *metafunção interpessoal*. Assim sendo, faz-se necessário compreender o *sistema de avaliatividade*, cunhado e abordado por Martin e White.

Os estudos iniciais sobre o sistema de avaliatividade foram marcados por uma publicação da revista *Text*, em 1989, cujo tema era “Potential of language to express different emotions and degrees of emotion intensity”. Nesse mesmo período, um grupo de

sistemicistas em Sydney, liderado por Martin, começou a desenvolver uma estrutura que fosse capaz de analisar a avaliação no discurso (MARTIN, 2003, p.171).

Os autores da teoria da valoração apresentam uma abordagem para a inscrição e construção da avaliação regionalizando tal significado, potencial para o efeito retórico, comunicativo e discursivo, em três seções: *atitude*, *engajamento* e *gradação*. A primeira confere o mapeamento dos sentimentos na forma como são construídos, a segunda, ligada à ética, explora as relações estabelecidas pela voz autoral com as referendadas no discurso, tendo em vista as comunidades socialmente constituídas que partilham posições e crenças, e a última consiste numa propriedade geral de valores do significado atitudinal e de engajamento, interpretando o maior ou o menor grau de positividade ou negatividade (MARTIN; WHITE, 2005, p. 135).

Por essas noções, entende-se que as comunicações verbais, na modalidade escrita ou falada, é dialógica na medida em que a avaliação é sempre referência para revelar influências ou para, de alguma maneira, antecipar respostas potenciais ou imaginadas pelo leitores/ouvintes. Destarte, o tratamento dado aos recursos de posicionamento subjetivo dentro da abordagem da valoração tem como base a noção de que todas as opiniões são, em última análise, dialógicas.

Essas formas de se posicionar, através principalmente do engajamento e da gradação, podem contribuir para a construção identitária do sujeito/produtor textual tendo em vista que, inseridas em um discurso, naturalmente serão capazes de: (1) produzir e reproduzir crenças e conhecimentos por diferentes maneiras da representação da realidade, (2) constituir relações sociais, (3) criar, ampliar ou refazer identidades (MOTTA-ROTH, 2002, p.18).

Todas essas capacidades engendradas pela inserção de outros textos num discurso, portanto do engajamento, incluem aqueles significados que de diferentes maneiras são construídos para pontos-de-vista alternativos e respostas antecipadas. As taxonomias que constituem o engajamento são direcionadas para identificar os posicionamentos dialogísticos associados a determinados significados e para descrever o que está em jogo quando se prefere um significado a outro.

Segundo a abordagem de Martin e White (2005), as quatro seguintes opções (que podem estar presentes de forma múltipla num único texto) permitem que a voz textual varie os termos de seu engajamento com vozes e posições alternativas:

- **Declarar:** ao apresentar a proposição como altamente plausível (válida, crível), a voz textual se opõe a, suprime ou descarta posições alternativas.

- **Entreter:** ao ancorar a proposição em uma posição subjetiva individual e incidental textual a apresenta como apenas uma dentre um leque de posições possíveis - e assim considera ou invoca essas alternativas dialógicas.
- **Atribuir:** ao ancorar a proposição na subjetividade de uma voz externa, a voz textual a apresenta como apenas uma dentre um leque de posições possíveis - e assim supõe ou invoca essas alternativas dialógicas.
- **Refutar:** a voz textual se posiciona contrariamente a, ou rejeita, uma posição oposta.

O que se percebe é que o posicionamento, resultante dos valores e crenças apreendidos com as experiências vividas ao longo do tempo, retrata ações linguísticas, sociais, culturais com propriedades ideológicas e demonstra um campo em que os embates nas relações de poder são legítimos. Esse posicionamento é dimensionado ainda mais pelos recursos de alta ou baixa escala dos valores de engajamento - a gradação. Nesse sentido, o discurso, intermédio elementar para a transposição das relações citadas, é concernido como o uso da linguagem na forma de prática social (FAIRCLOUGH, 2001, p. 90).

Ao utilizar a gradação, assumi-se um sistema que opera em categorias que implicam uma avaliação escalar, envolvendo questões de tamanho, força, vigor, proximidade, e assim por diante. A gradação se realiza em dois eixos: um relacionado à intensidade ou quantidade (força) e um outro que opera de acordo com questões de prototipicalidade e precisão (foco) (MARTIN; WHITE, 2005, p. 137).

O *discurso*, nesse contexto, compreende três níveis difusos e complementares numa visão tridimensional. Essa visão percebe o *evento discursivo* segundo o texto, a prática discursiva e a prática social.

O elemento texto dentro dessa moldura analisa as questões de forma e de significado e é organizado em quatro categorias: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. A *prática discursiva* compreende os processos produtivos e interpretativos, em que os processos de produção, distribuição e consumo são analisados. E a *prática social* focaliza a relação discurso-ideologia, discurso-poder em que são percebidas as lutas hegemônicas (FAIRCLOUGH, 2001, p. 102, 106, 116, *passim*). Essas repartições não significam seções isoladas e desvinculadas, antes, porém, complementam-se para o reconhecimento de um significado que extrapola o nível do sistema linguístico. Assim, o texto não é um simples artefato, mas um evento dinâmico e processual em que se interagem diferentes sujeitos com diferentes interesses.

Sobre a interconexão entre fatores textuais e fatores contextuais (das relações sociais envolvidas) pressupõe Désirée Motta-Roth o entendimento de *gênero*. Ela caracteriza o *gênero* como sendo “formas estáveis de uso da linguagem que estão intimamente associadas com formas particulares de atividade humana” (MOTTA-ROTH, 2002, p.79). Motta-Roth ainda afirma que “vale acrescentar que o conhecimento humano é construído através de gêneros – linguagem usada em contextos recorrentes da experiência humana – socialmente compartilhados” (MOTTA-ROTH, 2005, p.181). Ela destaca a necessidade de se encarar os *gêneros* “como atividades culturalmente pertinentes, mediadas pela linguagem num dado contexto de situação, atravessado por discursos de ordens diversas” (MOTTA-ROTH, *ibidem*, p.181).

Percebe-se, logo, a interface das idéias de *gênero*, *discurso* e *avaliação*. São conceitos que podem ser ligados e constituem material para entrever o tipo de relação social que é estabelecida entre os participantes do gênero resenha. A bagagem que traz consigo em cada conceito destes é de suma importância para a consecução de análises de identidade que se proponham essencialmente multi-teórica.

Cumprir expor que, a título de exemplificação estão presentes no corpo deste trabalho excertos exemplificativos das resenhas utilizadas. Estas resenhas são identificadas por uma seqüência de letras e números que vai de D1 a D5 (resenhas da revista *Delta*), e de RTL1 a RTL5 (resenhas da Revista Todas as Letras).

2- A premissa dialógica da postura intersubjetiva do resenhista: um foco sobre as práticas textual e discursiva

A abordagem da categoria de engajamento dentro dos estudos da valorização, consoante Martin e White (2005), atém-se ao papel que os significados dialogísticos, textos que de alguma maneira respondem a outros, seja refutando-os, confirmando-os, completando-os ou baseando-se neles, desempenham no sentido de tomada de decisão, de uma postura comprometida e, sobretudo, de uma interpretação responsiva ativa. Por estes significados, resenhistas negociam as relações de acordo ou desacordo tendo em vista o valor das posições referendadas e assimiladas nas resenhas. O que prepondera partindo disso é que essa negociação considera e se direciona às comunidades sociais constituídas que partilham crenças e conhecimentos associados a essas posições (MARTIN; WHITE, 2005, p. 95), designadamente a acadêmica.

Essas questões sobre a forma dialógica de quaisquer emissões, seja na modalidade escrita ou falada, são informadas e trazidas inicialmente por Bakhtin e Voloshinov¹ que já discutiam precursoramente a noção de dialogismo. Bakhtin observa que “todas as emissões existem contra um pano-de-fundo de outros enunciados concretos sobre o mesmo tema, um fundo composto de opiniões contraditórias, pontos-de-vista e juízos (...), grávidas com respostas e acusações” (BAKHTIN, 1981, p. 281). Voloshinov acrescenta que diálogo também pode ser entendido num sentido mais lato, a saber, aquilo que responde a algo, afirma algo, antecipa respostas e objeções, procura apoio e assim por diante (VOLOSHINOV, 1995, p.139).

Partindo disso, o que se pretende, nesse primeiro momento, é, a partir da visão sobre o sistema de engajamento e da gradabilidade dos valores desse sistema, ou seja, do grau de intensificação e asseveração dos valores das posições dialogísticas, analisar como a prática de referenciação, termo aqui adequado para a ideia de inserção ou dispersão de vozes ou opiniões alternativas, coopera para a avaliação e identidade do resenhista e para o modo de construção do gênero resenha acadêmica da área de Lingüística.

2.1- Os significados dialogísticos dos termos de engajamento e a gradabilidade desses termos

Como já mencionado, o tratamento dado aos recursos de posicionamento subjetivo dentro da abordagem da valoração tem como base a noção de que todos os enunciados verbais são em última análise dialogísticos. Esses recursos, que podem estar presentes de formas múltiplas numa única formulação, permitem que a voz textual, no caso específico a do resenhista, varie os termos de seu engajamento com vozes e posições diferentes e podem caracterizar-se, segundo Martin e White, como maneiras de refutação, declaração, atribuição e de entreter². Tais maneiras incluem formulações que tradicionalmente têm sido tratadas dentro da perspectiva funcional da linguagem como modalidade, polaridade, evidencialidade, intensificação, atribuição, concessão e consequencialidade (MARTIN; WHITE, 2005, p. 94).

As especificações analíticas dos recursos que sustentam as observações sobre o posicionamento subjetivo nas resenhas acadêmicas da área de Lingüística estão representadas

¹Foi um linguista russo cujo trabalho tem sido influente no campo da teoria literária e marxista e teoria da ideologia. Entende a linguagem como construção social, como um meio de ideologia. Em 1920, escreveu o livro *Marxismo e filosofia da linguagem* em que tentou incorporar os estudos lingüísticos ao marxismo. Fonte: <http://pubs.socialistreviewindex.org.uk/isj75/parring.html>. Acessado em 01/09/2010, às 14h32min h.

²Tradução nossa referente às respectivas taxonomias: *disclaim, proclaim, attribute, entertain*.

nos gráficos 1 e 2 e quantificam em porcentual a utilização dessas formas estratégicas no gênero em questão.

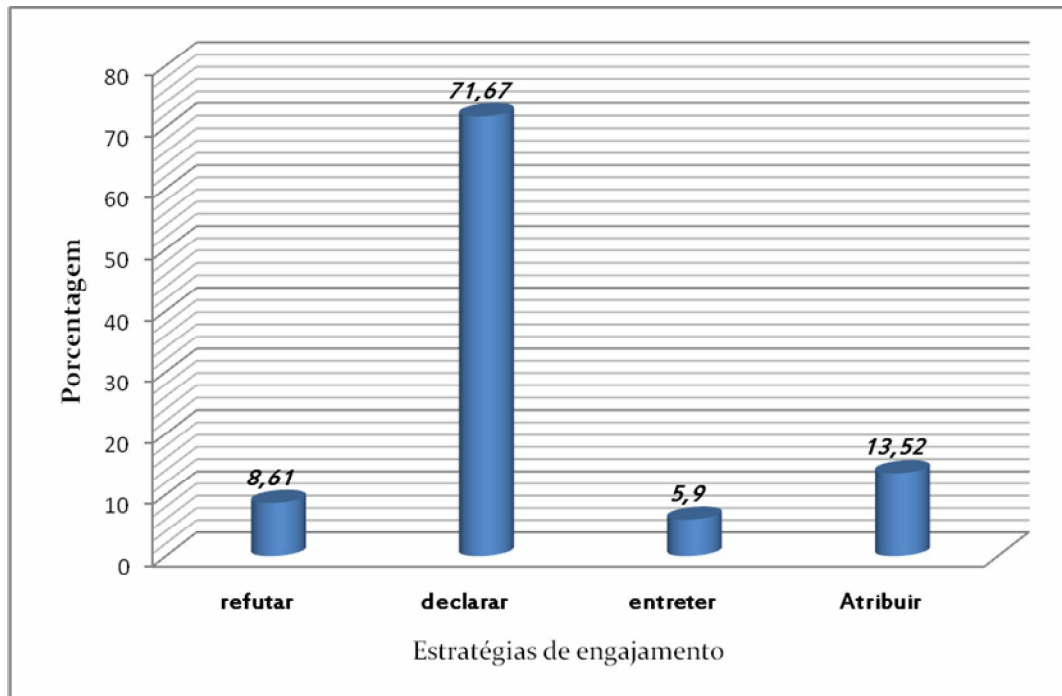


Gráfico 1: recursos da postura intersubjetiva

O que se pode notificar da representação gráfica exposta é inicialmente a predominância dos recursos intersubjetivos que visam a *declarar* (71,67%). Considera-se que essas quatro opções permitem variações de perspectiva - elas permitem uma orientação diferente da diversidade heteroglóssica³ na qual o texto opera. Além disso, elas são, segundo Martin e White, divididas em duas categorias gerais que se diferenciam em termos de suas funcionalidades retóricas: expansão e contração dialógica. Quando os termos para o engajamento levantam posições e vozes alternativas, tem-se a expansão dialógica, e quando, ao contrário, agem no sentido de desafiar, dispersar ou restringir o escopo dessas posições e vozes, tem-se a contração dialógica (MARTIN; WHITE, 2005, p. 102).

Destarte, ao apresentar através da estratégia de *declarar*, a proposição como altamente plausível, crível e confiável, a exemplo de *A autora demonstra...*, *O lançamento pontua...*, *A autora explica...* (resenha RTL1), a voz textual estreita o escopo de interpretações sobre o objeto de sua avaliação, opõe-se a, suprime ou descarta posições alternativas, e essa

³Para o entendimento de heteroglossia, tradução de *raznoricie*, Bakhtin aponta a diversidade social de tipos de linguagem. Essa diversidade é produzida no texto por forças sociais tais como profissão, gêneros discursivos, tendências particulares e personalidades individuais (BAKHTIN, 2001, p. 291).

supressão, ou seja, a contração dialógica, parece ser o aspecto mais emergente da condição de *declarar* para a discussão acerca das expectativas do resenhista sobre si mesmo como ator em um contexto particular - a produção da resenha.

Essa referida discussão, já realizada por Santos (2010), porém por meio do significado atitudinal,⁴ aponta o especialista como a *persona* discursiva assumida pelo resenhista da área de Linguística que esteia a ratificação e o reconhecimento desta área enquanto legítima ciência (SANTOS, 2010, p.18).

O fato mais importante nessa parte é a justificação para a correlação estabelecida entre um *persona* discursivo que assume um espaço de poder por meio de um saber especializado e a prática de um engajamento que por meio da também estratégia de *declarar*, logo de contração dialógica, acaba suprimindo ou descartando posições alternativas num colóquio em curso.

Os recursos linguísticos que visam à supressão (aqui se inclui, portanto a estratégia intersubjetiva de *refutar* como prática de contração dialógica), a defender-se do que vem de fora, ou restringir o alcance de tal, representam, conforme o gráfico 1, o montante de 80,28% dos termos de engajamento. Eles são capazes de demarcar não somente o lugar científico da área da qual faz parte o resenhista/especialista, de acordo com Santos (2010), mas também a qualidade de se destacar, de se despegar-se da possibilidade alternativa e de assumir em decorrência, segundo Demo (2009), uma condição eminentemente prestigiada (DEMO, 2009, p. 50).

Essa condição tende a instrumentalizar a resenha acadêmica da área de Linguística como uma prática de um discurso científico-acadêmico filtrado, homogeneizado, no sentido de restrito e comum a certo grupo, por isso associa-se à qualidade de prestígio, e que, pela contração dialógica principalmente, nega a alteridade, a diferença, a desconformidade.

Uma outra questão a ser considerada está representada no gráfico 2 e expõe a categoria de *endosso* como a mais recorrente de todas as descritas pela literatura científica da valoração para a articulação de um estratagema que visa, por meio da categoria de *declarar*, a uma postura para seu investimento.

⁴ A atitude é um dos subsistemas do sistema da avaliatividade e diz respeito aos sentimentos, incluindo reações emocionais, julgamento de comportamento e avaliação de objetos e situações. O mapeamento desses sentimentos abrange três regiões semânticas: a emoção, a ética e a estética.

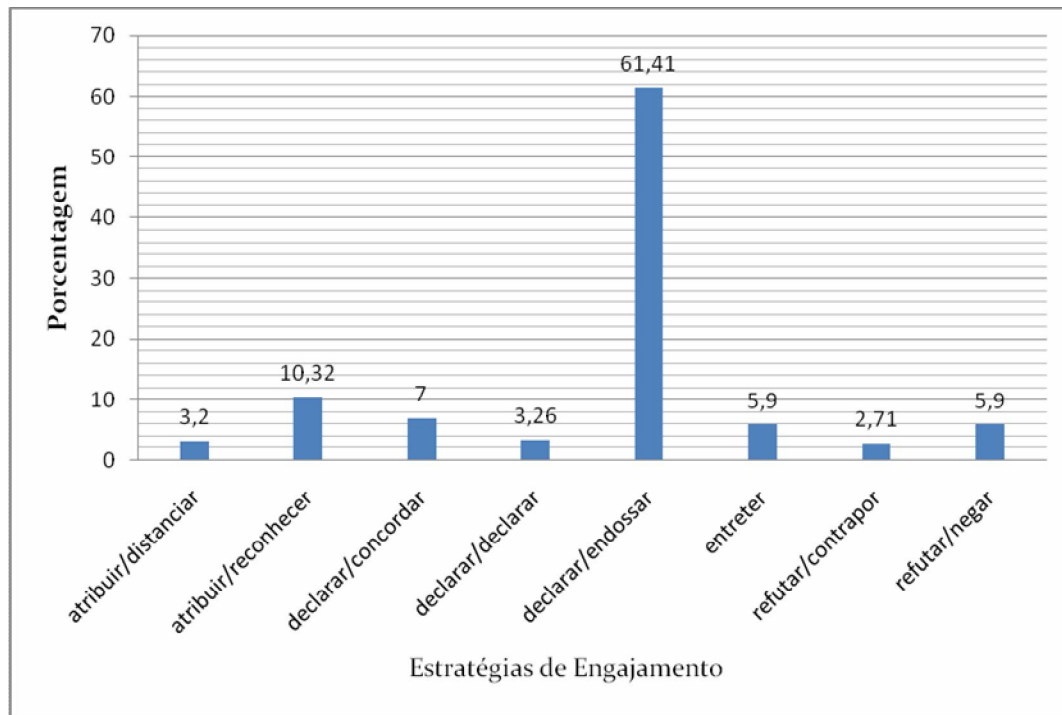


Gráfico 2: recursos da postura intersubjetiva mais especificados

Pelo termo *endossamento*, o estudo da valoração se refere àquelas formulações pelas quais as proposições oriundas de fontes externas são entendidas pela voz do produtor, aqui especificamente a do resenhista, como correta, válida, inegável ou de alguma maneira sustentável (cf. MARTIN; WHITE, 2005, p. 126). O mais relevante nisso é que a voz interna, a do resenhista, assume por via desse recurso a responsabilidade pela proposição, ou pelo menos partilha a responsabilidade com a fonte citada.

A postura de tomar para si, total ou parcialmente, a responsabilidade pela proposição oriunda de fonte externa é, em geral, arquitetada por processos⁵ materiais que denotam factividade. Estes incluem “mostrar”, “provar”, “localizar”, “apontar para”, e podem ser averiguados em formulações como “*Pires apresenta duas hipóteses*” e “*O autor mostra que essa especificação não é suficiente*” retiradas, por exemplo, da resenha D4.

Os processos factivos têm a propriedade natural de implicar por parte do escritor/falante a pressuposição de que os fatos expressos nas orações são genuinamente verdadeiros. Segundo Neves, os factivos não indicam um simples evento, mas um fato, uma

⁵A definição de “processos” parte das explicações dadas por Halliday (1985, p. 103-157) e Halliday (2004, p. 169-305). Analogicamente processo é uma categoria hallidayana para o que a gramática tradicional trata como verbo. Desta forma, os processos materiais estão relacionados às experiências externas e aos processos do mundo externo, eles representam ações físicas de coisas acontecendo ou sendo criadas, mudanças físicas, realização e atuações.

ocorrência naturalmente consumada, quer permaneça afirmada, quer seja negada (NEVES, 2000, p. 32). A circunstância desse tipo de processo estar em maior quantidade através da estratégia intersubjetiva do endossamento assumida pelo resenhista, ocorre, conforme Halliday, no sentido de construir uma imagem categórica de dinamismo e comprometimento em todas as suas atividades (HALLIDAY, 1994, p. 128).

Esse dinamismo pode ser sustentado na escala de gradabilidade dos valores de engajamento que não apresenta de maneira contundente uma prevalência de um dos graus mais extremos - alto valor (30%), baixo valor (22%). Essas condições (alto e baixo valor gradativo) representam uma propriedade geral dos recursos para o engajamento que interpreta o maior ou o menor grau de positividade ou negatividade de uma avaliação. Assim, “*Eu suspeito*” pode ser interpretado como baixo valor, enquanto “*Eu estou convicto*” como alto valor, relacionam-se então com o grau de asseveração, não necessariamente à contração e expansão dialógica.

A gradabilidade, segundo a literatura científica da valoração, opera com dois eixos de escalabilidade - a classificação de acordo com a intensidade ou quantidade e a classificação de acordo com a prototypicalidade e precisão. O primeiro tem seu domínio natural de operação nas categorias que envolvem inerentemente avaliações escalares de qualidades e processos, podendo relacionar-se a tamanho, vigor, extensão e proximidade (ex. *pouco possível, dificultou um pouco*). O segundo funciona como fenômenos que são dimensionados em função do grau com que eles correspondem a algum suposto núcleo ou caso exemplar de uma categoria semântica (ex. *Ele é um verdadeiro pesquisador, Ele efetivamente conseguiu*) (MARTIN; WHITE, 2005, p. 137-140, *passim*).

Esse aspecto - a gradabilidade categórica das formas de engajamento - que nem sempre se realiza por meio de adjetivadores - parece razoável para a compreensão da maneira como se dá o comprometimento, a padronização dos recursos lingüísticos que denotam avaliação e o efeito produzido pelas suas formas escolhidas. Essa compreensão é facilitada na tabela 1 que apresenta taxionomias⁶ que, por necessidade, extrapolam o tratamento dado pelos estudos da valoração às maneiras de gradação e que segue, em alguns casos, a distinção e caracterização usadas por Neves (2000).

⁶A necessidade de novas categorias já era uma preocupação de Peter White (2002) para quem “aqueles que trabalham com a valoração categorias lingüísticas, e novas maneiras de explicar os efeitos comunicativos e retóricos”. White ainda acredita que “precisamos de mais trabalhos que nos permitam aprimorar esses princípios taxionômicos, e fortalecer essas linhas de argumentação lingüística” (WHITE, 2002, p.24).precisarão procurar novas formas de identificar e criar

Taxionomia	Amostra	Efeito do valor	Frequência
Epistêmicos	“Os trabalhos podem dar uma idéia das possibilidades de abordagem” (RTL1)	Atenuante	51,8%
Metáfora gramatical	“ A proposta de Bortoni-Ricardo” (RTL2)	Atenuante	18,5%
Delimitadores ou circunscritores	“A semântica formal reconhecidamente é uma área...” (RTL1)	Maximizante	3,7%
Perifrásticos	“Ficamos, é claro , com a primeira alternativa” (RTL2)	Maximizante	22,3%
Deônticos	“O que se deve buscar” (RTL5)	Maximizante	3,7%

Tabela 1: Formas de gradabilidade da avaliação

O grupo dos epistêmicos faz parte de uma classe de modais, ou seja, de uma categoria complexa que indica as probabilidades do falante sobre os julgamentos que faz (HALLIDAY, 1985, p.75), que indica uma crença, uma opinião ou uma expectativa sobre a asserção (NEVES, 2000, p. 237) e junto com a metáfora gramatical, esta concernida como uma “fonte recorrente para a criação de realizações léxico-gramaticais de categorias semânticas mais metafóricas [mais abstratas] do que típicas [mais concretas]” (HEYVAERT, 2003, p. 65), compreende 70,3% das formas de gradabilidade da avaliação nas resenhas acadêmicas da área de Linguística e enquadram-se no eixo de intensidade.

Ambas as maneiras de escalonar a postura de valorizar ou não posições que estão sendo referendadas são potencialmente atenuantes por razões discursivas distintas. Estas razões, referindo-se à miríade de resultados e de consequências da produção, distribuição e consumo textual, ocorre em função da relação entre o resenhista e outros parceiros da comunicação verbal - especialmente leitores potenciais da resenha, de quem se espera uma compreensão responsiva ativa, seja esta de concordância, discordância, admiração, simpatia, estímulo à ação.

Por meio da modalidade epistêmica, o resenhista expressa sua avaliação sobre o valor de verdade do conteúdo proposicional. Assim, tendo em vista a atenuação natural dos recursos epistêmicos que permeiam um *continuum* de gradação entre o certo e o possível, por isso atenuam a asseveração sobre a proposição, o resenhista abranda o seu grau de comprometimento num gênero que responde à necessidade, logo se exige tomar compromisso, de validação e ajuizamento da literatura científica (MOTTA-ROTH, 2002, p. 102). Essa estratégia de lograr, portanto, uma restrição sociocomunicativa do gênero resenha acadêmica da área de Linguística favorece a negociação que se faz sobre a validação de um determinado conhecimento com a audiência acadêmica, além de favorecer a construção de uma zona confortável para a emissão de juízos e valores sobre o mesmo conhecimento produzido na área.

Já em relação à metáfora gramatical, que tem assumido um importante papel de inscrever questões identitárias no discurso acadêmico (REICHMANN, 2001, p. 3), o que se percebe é que ela se constitui como não somente uma forma característica dos recursos linguísticos que compõem o gênero aqui apreciado, mas principalmente corrobora a ideia já expressa de um resenhista especialista que também pela estratégia de transformação de ideias mais concretas em mais abstratas através de usos de nominalizações em lugar de processos verbais, delimita e reitera seu espaço privilegiado de saber.

A nominalização tem sido tratada como uma estratégia de construção simbólica dentro de um dos modos gerais de operação da ideologia elencados por Thompson (1995, p. 81-89), cuja rubrica é *reificação*. Por meio desse modo, uma situação transitória é representada como permanente, ocultando seu caráter sócio-histórico, e já especificamente através da nominalização o que se potencializa é o apagamento de atores e ações, representando processos como entidades.

A postura de demarcação desse espaço por meio desse recurso (a metáfora gramatical) é realizada por um procedimento anafórico e às vezes difícil de estabelecer já que se trata de, conseqüentemente, conferir maior acuidade interpretativa a leitores endereçados da resenha acadêmica (GARCIA, HALL & MARIN, 2004, p. 107), o que factualmente restringe ainda mais o espaço concentrado e definido da Linguística. Essa adjudicação pode significar tanto uma característica do funcionamento discursivo das instituições acadêmicas, como um distanciamento e exclusão daqueles que não estiverem em condição de fazer parte desse grupo científico que se pretende homogeneizado.

3- Crítica sociocultural à postura intersubjetiva do resenhista: problematizando a prática social

Atendidas as considerações, com base na abordagem de engajamento e gradação, a respeito do construto textual e discursivo das resenhas acadêmicas da área de Lingüística, parte-se, por conseguinte, para um exame mais macroestrutural de um contexto sociocultural mais amplo que releve, apoiado nesses construtos, as práticas que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de poder nesse gênero, a fim de se compor uma crítica sociocultural dos processos de valoração nas resenhas desse tipo.

A primeira questão satisfatória às pretensões analíticas dessa parte refere-se ao investimento ideológico de um discurso assumido pelo resenhista que, como abordado, caracteriza-se como científico-acadêmico. Esse discurso sustenta a infalibilidade da ciência como fator decisivo da atividade produtiva e ostenta, segundo Lucas, a ideologia de que saber é poder (LUCAS, 2003, p. 13). Destarte, ao partir do entendimento de que as ideologias são significações/construções da realidade (cf. FAIRCLOUGH, 2001, p. 117), torna-se oportuno compreender a arquitetura textual desse investimento.

Essa arquitetura apóia-se basicamente, dentro da categoria de engajamento, nas estratégias de contração dialógica que, por naturalmente anularem a alteridade, a possibilidade da voz e posição diferente, ordena o espaço social, toma como única e melhor, logo incontestável e moldurada de credibilidade, a proposição e posição assumida no discurso. Tal contração dialógica se dá, conforme Hanks (2008), em parte pelo fato de que a regulação da linguagem, a restrição do escopo de posições alternativas “é uma questão de privilégio social, de controle, de disputa, de convenção e de ideologia” (HANKS, 2008, p. 139).

A anulação/contestação da diferença como modo de afirmação de um lugar prestigiado de poder e conhecimento constitui-se, nesse sentido, numa prática considerável no gênero resenha acadêmica dentro da esfera da ciência lingüística e expõe a sinergia entre essa esfera e a sociedade moderna em geral que, consoante Rodrigues, distingue os homens em duas macrocategorias: os que sabem, logo podem, e os que não sabem (RODRIGUES, 1988, p. 70).

Essa sinergia, explorada dentro dos estudos lingüístico-sistemicistas sob a rubrica de *instanciação*, é capaz de esclarecer conexões explanatórias sobre a metaestabilidade existente entre os casos específicos em relação ao sistema geral e entender melhor os modos de organização textual (MARTIN; WHITE, 2005, p. 24). Aplicada especificamente às resenhas acadêmicas da área de Lingüística, pode-se reconhecer essa área (lingüística) como um caso

específico mais amplo que está abrangido naturalmente pelas ciências sociais. Assim, vislumbrando ainda a ideologia de que saber é poder, Demo esclarece que entre os intelectuais bem sucedidos sobressaem os que têm origem nas ciências sociais e similares, porque estão mais afeitos às condições sociais da estruturação do poder e das vantagens (DEMO, 2009, p. 19).

A estruturação do poder e da vantagem, conforme Demo, é produzida sobre critérios, por vezes, escusos, logicamente incompreensíveis e essencialmente dogmáticos (DEMO, 2009, p. 49). A relação de causa e efeito entre a posição de poder e prestígio, este que segundo Santos (2010) é conferido ao resenhista especialista, e conhecimento ou erudição cultural parte de um discurso de reconhecimento da ciência, enquanto conjunto metódico de saberes obtidos mediante a observação e experiência, que promove e diligencia a confiabilidade e a credibilidade.

Essa credibilidade está sustentada pelo resenhista/especialista através do uso recorrente de processos materiais que por denotarem factividade, assumem os fatos expressos nas proposições como autênticos, objetivos e verdadeiros. Todavia, a pretensão de verdade buscada com a forma desses processos acaba reproduzindo um outro aspecto desse *persona* travestida pelo produtor textual, o resenhista, a saber, a autoridade. Pedro Demo discute essa relação de credibilidade, verdade e autoridade da seguinte maneira:

Onde há muita verdade, há mais autoridade que ciência. Não há nenhuma condição de demarcar uma consciência verdadeira apenas em teoria, na pura forma, porque lá nada é verdadeiro ou falso. Só no calor da história se podem colocar posições mais ou menos aceitáveis, quer dizer no contexto ideológico. A discussão consegue ser proficiente se adotar o critério de discutibilidade [aplica-se, logo, nesse entendimento, a expansão dialógica] em **sentido formal** e político (DEMO, 2009, p. 47, grifo nosso).

A aparente dubiedade na relação entre verdade e autoridade discutida por Demo e presente no discurso científico-acadêmico do resenhista/especialista aponta para uma outra questão que, segundo a literatura da metodologia científica das ciências sociais, logo, da área da qual faz parte as resenhas acadêmicas averiguadas, implicaria numa contradição.

Essa contradição é evidente e legítima no sentido de que uma das bases que justificaria a crença na ciência como agente de transformação social é, conforme Demo, a capacidade de desconstituir a autoridade científica e político-social (DEMO, 2009, p.42). Entrementes, na prática, o científico não se delimita sem ela, usa, articula e promove a autoridade para se tornar agente ativo para e na transformação pretendida. Essa contradição caracteriza e chama

a atenção, portanto, para o que Barker e Galasinsk (2001) consideram uma distinção a ser observada entre a história institucional da ciência, enquanto teoria crítica, e seu potencial conceitual para a mudança e inovação.

Segundo Bourdieu, cientistas e pesquisadores de quaisquer áreas são vistos cada dia mais como atores sociais que desenvolvem formas de agir estratégicas, socialmente introjetadas que se caracterizam por competição, isto é, “onde está em jogo o **monopólio da autoridade científica**, definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e **poder social**” (BOURDIEU, 1983, p. 122, **grifo nosso**). Para Ortiz, o que resta ao cientista, nesse contexto, é aceitar e fazer uso, assim como o resenhista através do uso eminente de processos factivos, da autoridade implicada à ciência. Essa autoridade, conforme o mesmo autor, seria reflexo de uma relação de poder que reproduz a desigualdade na distribuição de poderes ao nível da sociedade global (ORTIZ, 1978, p. 13).

Para Ziman, a força de qualquer ciência, também portanto da Lingüística, encontra-se em sua capacidade de produzir conhecimento público, onde a meta de seus pesquisadores seria “a busca pela obtenção máxima possível de consenso em torno de uma teoria” (ZIMAN, 1996, p. 18).

A inconsensibilidade de alguns estudos linguísticos que pode exigir com intimativa a necessidade de autoridade pode ser mais bem esclarecida pela real tensão existente entre os métodos de investigação dessa ciência e as propriedades de seu objeto. A inexatidão do método, dos conceitos e do objeto investigado nas ciências lingüísticas ainda tem levado, segundo Lima Barreto, a concepções diferentes do fazer e do ser ciência (LIMA BARRETO, 2010, p. 2). Sapir (1969) já nos anos sessenta evidenciava que é especialmente importante que os lingüistas determinem com mais clareza, logo articulem um processo de consensibilidade, o produto e o meio de suas investigações (SAPIR, 1969, p. 27).

4- Considerações finais

Assim como o conhecimento social é inevitavelmente parcial, a análise textual é inevitavelmente seletiva, no sentido de que se escolheu responder determinadas questões sobre eventos sociais e textos neles envolvidos e com isso abriu-se mão de outras questões possíveis. A escolha das questões a serem respondidas denuncia necessariamente as motivações particulares da análise, visto que delas derivam.

Diante da tentativa de articulação promovida entre um arcabouço multiteórico e a observação arguta dos dados, tomam-se como necessárias algumas considerações que

destaque a coesão de toda a discussão realizada e que, por fundamentar-se em constatações intrinsecamente linguísticas do ponto de vista estrutural, não tende a entregar-se a explicações redutoras e abstratas dos artefatos textuais que apontam a avaliação nas resenhas acadêmicas.

Parte-se, logo, da compreensão que essas considerações produzem um significado contínuo e uno, capazes de contribuir criticamente para o esclarecimento das formas de avaliação através dos valores de engajamento e gradação e da construção da identidade do resenhista nas resenhas acadêmicas da área de Linguística.

Assim sendo, inicialmente notifica-se a preferência, logo pressupõe-se a escolha do resenhista, dos recursos intersubjetivos que visam a *declarar* como estratégia de supressão de vozes e opiniões alternativas e de produção de um *status* e ambiente eminentemente prestigiado de poder.

Essa postura, contribuinte para a articulação de um resenhista/especialista, é arquitetada por meio de um discurso científico-acadêmico produzido com base em processos materiais que denotem factividade. Estes têm a propriedade de atribuir a condição de verdadeiros aos fatos expressos nas orações. Todavia, acredita-se que quase nada existe de intrínseco nos fatos discursivamente apresentados que os torne naturais, imparciais e justos, da maneira que se apresentam. Conseqüentemente a qualidade de verdade produzida e embasada linguisticamente pode ser questionada e desafiada como representação discursiva, até mesmo porque o critério de cientificidade de um discurso não é a verdade da proposição que ele veicula, mas seu sistema de produção.

Nesse sentido, essa pretensão de verdade pode implicar e requerer o exercício da autoridade científica, o que denotaria uma contradição, já que a crença na ciência, enquanto agente de transformação social, é processada socialmente pelo reconhecimento da capacidade desta em desconstituir a autoridade político-social e igualmente a científica. A inconsensibilidade de algumas áreas dos estudos lingüísticos pode possivelmente motivar essa necessidade de autoridade.

Em relação à gradação na avaliação do resenhista da área de Linguística, pode-se inteirar o grupo dos epistêmicos e a metáfora gramatical como maneiras de atenuação do escalonamento dos valores e posições dialogísticos. Essa atenuação se realiza sob a percepção do resenhista de um engajamento ativo do leitor na constituição da própria resenha sem que esse resenhista abdique sua condição de especialista.

Por meio dos epistêmicos, o resenhista/especialista constrói uma zona confortável para a emissão de juízos e valores sobre o conhecimento produzido na área de Linguística, e

através da metáfora gramatical delimita e reitera seu espaço privilegiado de poder e hermetismo.

A profícua discussão em torno da construção da resenha acadêmica da área de Linguística mostra como recursos lingüísticos potencialmente avaliativos nesse gênero podem ser resultantes de uma relação cinética de uma estrutura ainda maior em que estão contextualizadas as diversas ciências sociais em geral. De igual projeção, percebe-se como essas resenhas respondem não somente à necessidade de avaliação e validação da literatura científica, mas também a motivações e interesses ideológicos.

5- Referências bibliográficas

ALMEIDA, F. **A avaliação na linguagem: os elementos de atitude no discurso do professor-um exercício em análise do discurso sistêmico-funcional.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, M. M. **The dialogic imagination.** Austin: University of Texas Press, 2001.

BARKER, Chris; GALASINSKI, Dariusz. Language, Discourse, Culture. In: _____. **Cultural Studies and Discourse Analysis: a dialogue on language and identity.** London/Thousand Oaks/New Delhi: SAGE Publications, 2001. p. 1-27.

BOURDIEU, P. **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1983.

CHRISTIE, F. Systemic Functional Linguistics and a theory of language in education. **Ilha do desterro**, Florianópolis, n. 46, jan-jun 2004, p. 13-40.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais.** São Paulo: Atlas, 2009.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social.** Brasília: Unb, 2001.

GARCÍA, M. M. N; HALL, B; MARIN, M. Obstáculos en la lectura de los textos académicos: las nominalizaciones. In: **Actas del Congreso Internacional de política culturales e integracion reginal.** Valparaiso: Pontificia Universidad Católica de Valparaiso, 2004, p. 49-60.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar.** London: Edward Arnold, 1985.

——— **An introduction to functional grammar.** London: Edward Arnold, 1994.

HANKS, W. F. Texto e textualidade. In: _____. **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin.** São Paulo: Cortez, 2008. p. 118-168.

HEYVAERT, L. **A cognitive-functional approach to nominalization in English.** Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

LIMA BARRETO, E. R. Etnolinguística: pressupostos e tarefas. **P@rtes**. São Paulo. Junho de 2010. ISSN 1678-8419. Disponível em www.partes.com.br/cultura/etnolinguistica.asp. Acesso em 06/09/2010 às 10h43min.

LUCAS, C. R. Discurso acadêmico em ciências humanas: o funcionamento discursivo da indexação em uma base de dados bibliográfica computadorizada. **Revista digital de biblioteconomia e ciência da informação**. Campinas: GEL, v.1, n.1, p. 12-21, jul/dez, 2003.

MARTIN, J. R. Instantiating Appraisal: Key and stance. **Paper at Systemic Functional Linguistics Association Conference**. Sydney: Adelaide, 2003.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. **The Language of Evaluation: appraisal in English**. London: Palgrave/Macmillan, 2005.

MEURER, J. L. Uma dimensão crítica do estudo de gêneros textuais. In: —; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros textuais**. Bauru: Edusc, 2000. p. 17-30.

MOTTA-ROTH, D. A construção social do gênero resenha acadêmica. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem**. 1ª ed. Bauru: EDUSC, 2002. p. 77-116.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos de português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

——— **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, Campinas, 1988.

ORTIZ, R. À procura de uma sociologia da prática. In: BOURDIEU, P. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983, p. 7-36.

REICHMANN, C. L. **Reflection as social practice: an indepth linguistic study of teacher discourse in a dialogue journal**. Tese inédita. (Doutorado em Letras, opção Linguística Aplicada), Pós-graduação em Inglês, UFSC, 2001.

RODRIGUES, S. **Lições do príncipe e outras lições**. 12.ed. São Paulo: Cortez, 1988.

SANTOS, A. L. Valoração e constituição identitária do resenhista: um estudo em resenhas da área de Linguística. In: 1º CIELLI- COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS E 4º CIELLI- COLÓQUIO DE ESTUDO LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, n.1, 2010, Maringá-PR. **Anais do 1º cielli**. Maringá: PLE, 2010, p.1-20.

SAPIR, E. **A linguística como ciência**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995.

VOLOSHINOV, V. N. **Marxism and the philosophy of language, Bakhtinian thought - an introductory reader**. S. Dentith, L. Matejka & R. Titunik (trans.), London: Routledge, 1995.

WHITE, P. Valuation – The language of assessment and perspective. In: VERSCHUEREN, J.; ÖSTMAN, J.; BLOMMAERT, J.; BULCAEN, C. (Eds.). **The handbook of pragmatics**. Amsterdam; Filadelfia: John Benjamins Publishing Co, 2002. p. 1-27.

ZIMAN, J. **O conhecimento confiável**. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Papyrus, 1996.

Referências do corpus

ATIK, M. L. G. Avaliação institucional: ações consolidadas na graduação. **Revista todas as letras**, São Paulo: Editora Mackenzie, v.10, n. 1, 2008, p. 155-157.

BATISTA, R. O. Resenhas. **Revista todas as letras**, São Paulo: Editora Mackenzie, v. 7, n.2, 2005, p. 112-126.

FRAGA, L. Resenhas. **Revista todas as letras**, São Paulo: Editora Mackenzie, v. 7, n.2, 2005, p. 106-108.

GALVES, C; ANDRADE, A. Resenha. **Revista DELTA**, São Paulo: PUCSP, v. 25, n. 2, 2009, p. 512-520.

GUIMARÃES, A. H. T. Resenhas. **Revista todas as letras**, São Paulo: Editora Mackenzie, v. 9, n.1, 2009, p. 177-179.

MATOS, F. G. Resenha. **Revista DELTA**, São Paulo: PUCSP, v. 25, n. 2, 2009, p. 531-534.

RAJAGOPALAN, K. Resenha. **Revista DELTA**, São Paulo: PUCSP, v. 25, n. 2, 2009, p. 535-541.

SARDINHA, T. B. Resenha. **Revista DELTA**, São Paulo: PUCSP, v. 25, n. 2, 2009, p. 497-510.

VIANA, V. Resenha. **Revista DELTA**, São Paulo: PUCSP, v. 25, n. 2, 2009, p. 521-525.

ZACCHI, V. J. Resenhas. **Revista todas as letras**, São Paulo: Editora Mackenzie, v. 8, n. 1, 2006, p. 139- 141.